

Silvana De Mari

# o último elfo



ROCCO INTRA

D.

**SILVANA DE MARI**  
**O Último Elfo**

Tradução Y. A. Figueiredo

Título original L'ULTIMO ELFO

Copyright © 2004 by Adriano Salani Editore s.r.l.

Direitos para a língua portuguesa reservados  
com exclusividade para o Brasil à

EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 - 8º andar

20030-021 - Rio de Janeiro, RJ

Tel.: (21) 3525-2000 - Fax: (21) 3525-2001

[rocco@rocco.com.br](mailto:rocco@rocco.com.br)

[www.rocco.com.br](http://www.rocco.com.br)

*Printed in Brazil/Impresso no Brasil*

preparação de originais MYRTHES LAGE

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

D444u De Mari, Silvana, 1953-

O último elfo/Silvana De Mari; tradução de Y. A Figueiredo. Primeira edição.  
Rio de Janeiro: Rocco: Pavo, 2008. il. Tradução de: L'ultimo elfo ISBN 978-85-  
61396-01-5

I. Literatura infanto-juvenil italiana. I. Figueiredo, Y. A. II. Título. 08-0346  
CDD-028.5 CDU-087.5

*Ao meu pai, que me mostrou o caminho, mesmo tendo perdido o seu.*

**Primeiro Livro**  
**O ÚLTIMO ELFO**

## Capítulo 1

Chovia havia vários dias. A lama chegava-lhe aos tornozelos. Até as rãs teriam se afogado naquele mundo transformado em pântano, se não tivesse parado de chover.

Ele certamente morreria se não conseguisse, depressa, um lugar seco para ficar. O mundo estava frio. A lareira da sua avó era um lugar quente. Mas isso fora muito tempo atrás. O coração do pequeno elfo se apertava de saudade.

A avó dele dizia que, quando se sonhava bem forte, as coisas se tornavam verdadeiras. A avó, no entanto, já não conseguia sonhar. Um dia, a mãe fora para o lugar de onde nunca se volta e a avó não tinha conseguido sonhar nada. E ele era muito pequeno para sonhar. Ou talvez não.

O pequeno elfo fechou os olhos por alguns instantes e sonhou o mais forte que podia. Sentiu na pele a sensação de secura, de um fogo aceso. Sentiu que os pés se aqueciam... Alguma coisa para comer.

O pequeno elfo tornou a abrir os olhos. Os pés lhe pareceram ainda mais gelados e o estômago, ainda mais vazio. Não tinha sonhado com força suficiente. Ajeitou o capuz molhado sobre os cabelos molhados. Estava com o manto amarelo de elfo. O abrigo amarelo de cânhamo, de trama aberta, era pesado, rústico e não protegia nada. Mais água lhe caiu pelo pescoço e começou a escorrer ao longo da espinha, por baixo da roupa, até as calças. Tudo o que ele vestia era amarelo, rústico, molhado, sujo, gasto e frio.

Um dia, ele teria roupas macias como as asas de um passarinho e quentes como as penas de um pato, coloridas como a aurora e como o mar.

Um dia, ele teria os pés secos.

Um dia, a Sombra iria embora, o Gelo ficaria para trás. O sol voltaria.

As estrelas recomençariam a brilhar. Um dia.

O sonho com alguma coisa de comer voltou a preencher-lhe os pensamentos.

Tornou a pensar nas tortas da sua avó. De novo, a sua alma se apertou com a emoção.

A avó tinha feito tortas uma única vez na vida do pequeno elfo. Tinha sido na última festa da lua nova, quando se distribuiu meio saco de farinha aos elfos também, quando a lua ainda brilhava.

Protegendo os olhos com as mãos, o pequeno elfo tentou esticar o olhar para além da chuva.

A claridade estava diminuindo. Não faltava muito tempo para escurecer

completamente. Era preciso encontrar um lugar onde ficar, antes que a noite caísse. Um lugar onde ficar e alguma coisa para comer. Mais uma noite na lama, com o estômago vazio, e ele não conseguiria permanecer vivo até de manhã.

Seus grandes olhos apertaram-se, pelo esforço, enquanto vagueavam entre os tons de cinza das árvores, que se alternavam com os da terra e os do céu, até pararem sobre uma sombra mais densa que se entrevia. Seu coração palpitou. A esperança renasceu. Apressou-se o quanto podia, com as pernas cansadas, que afundavam até os joelhos, com os olhos fixos naquela sombra. Por um instante, enquanto a chuva apertava, ele temeu que fosse apenas uma mancha mais escura formada pelas árvores. Depois, o telhado e as paredes se tornaram mais distinguíveis. Sufocada pelas árvores, afogada pelas trepadeiras, havia uma minúscula construção de madeira e pedra.

Devia ter sido um refugio de pastores ou de carvoeiros.

A avó tinha razão. Se você sonhar bem forte, durante bastante tempo, se a fé tomar conta de você, a sua esperança se realizará.

Novamente a cabeça do elfo se encheu com o sonho de um fogo que o aquecia. O odor de fumaça quente com o perfume da resina dos pinheiros tomou-lhe a mente, a ponto de aquecê-lo por alguns segundos. Um latido ameaçador despertou-o bruscamente. Ele ficou confuso. Não era um sonho. Lá estavam realmente o calor da fumaça e o perfume do fogo de pinheiros. Não era apenas na sua cabeça. Tinha se aproximado de uma fogueira de homens.

Agora era tarde.

As fantasias podem matar.

O latido do cão explodiu-lhe nos ouvidos. O pequeno elfo começou a correr. Talvez pudesse fazê-lo. Se conseguisse correr bem depressa, poderia pôr bastante terra e lama entre ele e o cão. Do contrário, os homens o pegariam e aquilo de poder morrer em paz, livre do frio e da fome acabaria como um sonho impossível. Um dos seus pés enganchou numa raiz, encaixou-se nela. Caiu com o rosto na lama. O cão partiu para cima dele. Estava acabado.

O pequeno não ousava sequer respirar.

Os instantes se passavam. O cão bufava no seu pescoço, cercando-o, mas ainda não lhe tinha enfiado os dentes em parte alguma.

- Deixe-o em paz - disse uma voz.

Era uma voz seca, autoritária. O cão largou a presa. O pequeno elfo voltou a respirar. Elevou o olhar. O humano era muito alto. Tinha cabelos amarelados em cima da cabeça, enrolados como um cordão de cortina. Não tinha nenhum pêlo na cara. E a vovó tinha sido categórica: “Os homens têm pêlo na cara.” É a

barba. É uma das muitas coisas que os distinguem dos elfos. O pequeno elfo concentrou-se para lembrar, então se iluminou.

- Tu ser um homem-fêmea - concluiu, triunfante.

- É *mulher* que se diz, imbecil — disse o humano.

- Oh, eu pedir perdão, mulher imbecil, eu prestar mais atenção, então te chamo certo, mulher imbecil - disse o pequeno, voluntarioso. A língua dos humanos era um problema. Ele a conhecia pouco e eles eram sempre assim, terrivelmente suscetíveis, e a suscetibilidade lhes desencadeava a fúria. A avó tinha sido categórica também sobre isso.

- Garoto, quer acabar mal? - ameaçou o humano. O pequeno elfo ficou perplexo.

Segundo a avó, a falta absoluta de qualquer tipo de pensamento lógico - mais facilmente resumida no termo “estupidez” - era a característica fundamental que diferenciava a raça humana da élfica, mas, mesmo que a avó tivesse procurado preveni-lo, a imbecilidade da pergunta era de tal forma abissal que o desorientou.

- Não, eu não desejar isso, mulher imbecil - assegurou o pequeno elfo -, eu não querer acabar mal. Isso não estar nos meus planos - insistiu.

- Se você falar mais uma vez a palavra “imbecil”, eu lhe atijo o cão em cima. Isso é um insulto - explicou a mulher, injuriada.

- Ah, agora eu compreender - mentiu o pequeno elfo, procurando desesperadamente entender qual poderia ser o sentido do discurso. Por que o humano quis ser insultado?

- Você é um elfo, não é?

O pequeno assentiu. Era melhor falar o menos possível. Deu uma olhada preocupada para o cão, que respondeu rosnando.

- Eu não amo os elfos - disse o humano.

O pequeno assentiu de novo. O medo misturou-se ao frio. Começou a tremer. Nenhum humano ama os elfos. A avó sempre dizia isso.

- O que você quer? Por que se aproximou? - perguntou a mulher.

- Frio. - A voz do pequeno elfo estava sumindo. O frio, o cansaço e o medo se juntaram. A voz começou a tremer. — A cabana... - A voz sumiu de novo.

- Não se finja de morto de frio. Você não é um elfo? Tem os seus poderes. Os elfos não sofrem de frio nem de fome. Podem não sentir frio nem fome quando quiserem.

O pequeno levou um tempão para entender o sentido daquelas palavras, depois se iluminou.

- Verdade? - perguntou, contente. - É verdade eu saber fazer estas coisas? E



como se faz para fazer?

- Eu sei lá! - urrou a mulher. - É você o elfo. Somos nós, os humanos esqueléticos, os tontos, os subdesenvolvidos, os que não são feitos para o frio e para a fome. - A voz do humano parecia realmente perversa.

O pequeno elfo sentiu o medo invadi-lo, chegando-lhe à garganta, seca como um deserto, até os olhos que começaram a chorar. Era um pranto sem lágrimas, feito de lamentos e de soluços aterrorizados. A mulher sentiu-lhe o desespero e o medo, como uma sensação de gelo entre as vértebras e a pele da coluna.

- Mas o que fiz eu de mal? - perguntou ela a si mesma. O pequeno continuava a chorar. Era um som dilacerante, que penetrava na alma, com toda a dor do mundo. - Você é uma criança, não é? - perguntou, então.

- Um nascido há pouco - confirmou o pequeno. - Senhor humano - acrescentou, depois de ter procurado um termo que não soasse ofensivo.

- Você tem poderes? - perguntou a mulher. — Diga-me a verdade.

O elfo continuou a olhar para ela. Nada do que ela dizia fazia sentido.

- Poderes?

- Tudo o que você pode fazer.

- Ah, isto. Bem, muitas coisas. Respirar, caminhar, olhar, eu saber também correr, falar... comer, quando ter alguma coisa para comer... — O tom do pequeno elfo tornou-se nostálgico e vagamente esperançoso.

A mulher sentou-se na soleira da cabana. Inclinou a cabeça e ficou ali. Depois, levantou-se.

- Pois eu não terei mais coragem de deixar você aqui fora. Pode entrar. Pode ficar perto do fogo.

Os olhos do pequeno elfo se encheram de pavor e ele se pôs a andar para trás.

- Eu suplicar, senhor humano, não...

- E agora, o que o segura?

- O fogo, não: eu tenho sido bom. Eu suplicar, humano senhor, não me comer.

- O quê?

- Não me comer.

- Comer você? E como?

- Com rosmarinho, eu acho. A minha avó dizer isso, quando era viva: “Se você não for bom, chega um humano e come você com rosmarinho.”

- A sua avó dizia isso de nós? Muito gentil!

A palavra “gentil” entusiasmou o pequeno elfo. Essa, ele conhecia. Teve a

impressão de estar seguro. Iluminou-se e sorriu.

- Sim, é verdade, é isso mesmo. A vovó dizer: “Humanos também canibais e essa ser a coisa mais gentil que poder dizer sobre eles.”

Dessa vez, saíra-se bem. Conseguira dizer a coisa certa. O humano não se zangou. Olhou-o longamente, depois começou a rir.

- Para esta noite, eu já tenho o que comer - garantiu a mulher. - Pode entrar.

Lentamente, o pequeno elfo arrastou-se para dentro. Lá fora, o frio o mataria. Morto por morto...

O fogo de pinhas ardia, soltando o perfume da resina.

Pela primeira vez, em muitos dias, ele encontrava um lugar seco.

Em cima do fogo, tostava uma bela espiga. O pequeno olhou fixamente para ela, quase em transe. Então, aconteceu o milagre.

O humano puxou uma faca e, em vez de usá-la para descarná-lo e fazer picadinho, cortou a espiga e lhe deu um pedaço.

Ficaram algumas dúvidas na cabeça do pequeno elfo a respeito do humano. Talvez não fosse tão mau, mas podia ser que fosse mantê-lo na engorda, enquanto arranjava o rosmaninho. Comeu a espiga, de qualquer maneira. Comeu-a grão por grão, para fazê-la durar o mais possível. Era noite alta quando acabou. Roeu até o talo, depois envolveu-se no seu manto rude e úmido e adormeceu como um filhote de arganaz, próximo às chamas que bailavam.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

